



A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MODERNO NO ESTADO DE SÃO PAULO PELO CONDEPHAAT¹

*THE PRESERVATION OF THE MODERN HERITAGE IN THE STATE OF SÃO PAULO BY
CONDEPHAAT*

Silvia Ferreira Santos Wolff²

Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico/CONDEPHAAT, Secretaria da Cultura Estado de São Paulo
swolff@sp.gov.br

José Antonio Chinelato Zagato³

Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico/CONDEPHAAT, Secretaria da Cultura Estado de São Paulo
jzagato@sp.gov.br

Resumo

O trabalho aborda a preservação oficial de edificações de arquitetura moderna no âmbito do Condephaat, órgão de preservação do Governo do Estado de São Paulo ao longo de sua trajetória desde 1968. Por meio do arrolamento dos bens tombados por sua associação, implícita ou explícita, ao movimento moderno, busca-se contextualizar as escolhas de valorização da arquitetura moderna dentro do panorama de constituição do próprio órgão, da criação de critérios e de afirmação da arquitetura moderna, bem como também da ampliação da visão de patrimônio preservado – de patrimônio histórico a patrimônio cultural. Enfatizam-se as transformações das justificativas motivadoras do tombamento e a valorização do patrimônio arquitetônico paulista: de início mais voltado à valorização da autoria das obras por arquitetos consagrados para, ao longo do tempo, a compreensão destas mesmas obras dentro de séries mais amplas de representação de programas variados. Trata-se também dos tombamentos mais recentes, que entendem a qualidade arquitetônica das obras e sua eventual excepcionalidade em relação à produção mais corriqueira de edificações. Pretende-se assim oferecer uma perspectiva analítica da trajetória de preservação de um órgão oficial de nível estadual, o Condephaat, na preservação de bens associados ao movimento moderno em São Paulo.

Palavras-chave: Condephaat. Arquitetura moderna. Patrimônio Cultural.

Abstract

This paper is about the official preservation of modern architecture buildings by Condephaat, the heritage preservation council of the São Paulo State Government, along its existence since 1968. Based on the list of monuments which have been declared so for its direct or indirect association to the Modern Movement, the valuation of modern architecture as heritage and the listing for preservation is examined taking in consideration a panorama of the council constitution and its assessment criteria. It follows not only the steps of the recognition and affirmation of modern architecture, but also the changes in views of cultural heritage preservation. The precursory choices were mostly based on the valuation of the works authorship by renowned architects, followed by a gradual change to understanding the modern works within broader series and representation of various programs. The paper also addresses the latest choices in which the architectural quality of the works and its eventual exceptionality is assessed in relation to a more general production of buildings. It ultimately aims to offer an analytical perspective to a state council's trajectory in the preservation of monuments associated with the Modern Movement in São Paulo.

Keywords: Condephaat. Modern architecture. Cultural heritage.

¹ WOLFF, S. F. S.; ZAGATO, J. A. C. A preservação do patrimônio moderno no Estado de São Paulo pelo Condephaat. In: 11° SEMINÁRIO NACIONAL DO DOCOMOMO BRASIL. *Anais...* Recife: DOCOMOMO_BR, 2016.

² Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo com especialidade em Estruturas Ambientais e Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Arquiteta há 34 anos na área técnica do CONDEPHAAT.

³ Arquiteto e Urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Especialista em Gestão Pública e Economia Urbana pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestrando em Políticas Públicas pela Universidade Federal do ABC. Arquiteto há 6 anos na área técnica do CONDEPHAAT.



1 INTRODUÇÃO

Não chega a trinta o número de edificações vinculadas à arquitetura do Movimento Moderno dentre os mais 500 bens tombados pelo Condephaat, órgão de preservação do patrimônio cultural do estado de São Paulo. Levando-se em conta ainda seus mais de 45 anos de existência, vê-se que é um número pequeno.

O que se busca no presente artigo é, diante da lista desses bens tombados, refletir analiticamente sobre como e porque se constituiu esse acervo de bens da arquitetura moderna: o que orientou essa seleção; quais as motivações que originaram as solicitações por seu tombamento; e com que justificativas eles se efetivaram.

Essa análise se faz observando também a cronologia dos tombamentos e se refletindo sobre o que mais estava sendo preservado na mesma época. Esse panorama é pensado a partir do vínculo de origem do Condephaat com a preservação no Brasil de modo mais amplo, e com o Iphan em particular. Reflete-se sobre sua constituição e sobre o estabelecimento de critérios próprios no curso da ação preservacionista em São Paulo.

A comparação entre os bens, analisados sob essas perspectivas e ao longo do tempo, objetiva contribuir para a compreensão de como se constituiu esse acervo, para o refinamento de critérios de preservação em geral e, especificamente, os de arquitetura moderna.

Os resultados deste trabalho, limitado ao escopo dos tombamentos estaduais paulistas, poderão enriquecer-se no futuro com análises de outras seleções regionais brasileiras de bens tombados vinculados ao Movimento Moderno na arquitetura e ainda de comparações com as próprias seleções do Iphan como órgão nacional, para além dos conhecidos ícones Ministério da Educação e Saúde (RJ), Conjunto da Pampulha (MG) e Brasília (DF).

2 UMA TRAJETÓRIA DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MODERNO EM SÃO PAULO

2.1 Tombamentos modernos: momentos pioneiros

O órgão do patrimônio cultural paulista, Condephaat, foi criado em 1968 pela Lei Estadual n. 10.247. Entre seus primeiros tombamentos, figuram velhos solares do Vale do Paraíba, como o Solar do Major Novaes, em Cruzeiro, e o Palacete Palmeira, em Pindamonhangaba; fortalezas no litoral, como a fortaleza de São João, em Bertioga; engenhos de açúcar ou suas ruínas, como o Engenho d'Água em Ilhabela ou o Engenho dos Erasmos, em Santos. Também os Centros Históricos de Cananeia e São Sebastião tiveram seus núcleos tombados logo no início da atuação do Condephaat.

A valorização no início da atuação se dava sobre sítios e construções que evocassem a história material paulista, em seus aspectos mais conhecidos e valorizados pela historiografia. A ação também se nutria de uma visão de patrimônio histórico na tradição do que vinha sendo feito no panorama nacional desde a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, na década de 1930 (RODRIGUES, 2000, p. 41). Nesse órgão, dentre os primeiros tombamentos figurou a cidade de Ouro Preto, eleição vinculada à sua significação para a história política brasileira, mas também que ressaltava a importância do conjunto edificado em seu centro histórico.

Este, em uma rápida e simplificada aproximação, era o quadro do que era reconhecido como “patrimônio histórico e artístico”, como então se dizia, até a década de 1970 no Brasil. Por outro lado, como já se debateu em outros seminários nacionais do DOCOMOMO, também o prédio do Ministério da Educação e Saúde de 1936, no Rio de Janeiro – projetado sob a coordenação de Lucio Costa, com a participação de Le Corbusier, Oscar Niemeyer, Carlos Leão e outros –, visto como ponto de origem da arquitetura moderna brasileira, já “nasceu” tombado pelo Iphan. Muito já se disse sobre como tal fato deveu-se às estratégias de validação da arquitetura moderna que, sob a regência de Lucio Costa e seu grupo, ainda buscava afirmação. Nesse sentido, não foi um tombamento com



critérios do campo da preservação, os quais, na realidade, mal começavam a se desenhar e estabelecer. Assim, acrescentaríamos, era “menos” patrimônio histórico e “mais” ferramenta política para a consolidação dos dogmas sobre a “boa arquitetura” o que vinha sendo construído com tal tombamento.

No conselho estadual de São Paulo, custou mais para bens associados ao Movimento Moderno passarem a ser reconhecidos pelo tombamento. Teria custado também porque o Condephaat, ainda que fundado na tradição do Iphan, não chegou a estruturar-se e jamais a afirmar-se de fato exclusivamente com uma perspectiva de construção de nação ou de uma figura representativa de uma suposta totalidade do “povo paulista”. O Conselho parece logo ter se liberado para trilhar seus próprios caminhos como instituição. Para tal deve-se perceber que, desde sua criação, qualquer cidadão poderia solicitar o que queria que fosse tombado. Além disso, suas primeiras ações eram orientadas a partir daquilo que seus conselheiros, de variada formação e representatividade social, valorizassem, sem necessariamente haver uma liderança que lograsse determinar, e efetivar, uma única visão a respeito do que deveria constituir o patrimônio estadual paulista.

Mais de dez anos após sua criação, em 1981, em meio aos solares, núcleos urbanos e fazendas, efetiva-se o primeiro tombamento de um bem moderno. Durante a presidência do Condephaat pelo arquiteto Ruy Ohtake – profissional formado sob a égide do modernismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) e das aulas do expoente da dita “arquitetura paulista”, João Vilanova Artigas –, propôs-se e levou a termo o tombamento justamente do prédio dessa faculdade (Figura 1), celeiro de profissionais de formação moderna, ao mesmo tempo bastião e *alma mater* dessa expressão da arquitetura em São Paulo.

Figura 1 – Edifício da FAU-USP



Fonte: Fernando Stankuns, s/d, via *Archdaily*.

Com apenas pouco mais de dez anos de inauguração, à época do tombamento dizia-se que o próprio arquiteto Artigas, ainda vivo, estranhou o ato feito sob a lavra de seu antigo aluno e que teria perguntado: “Tombar para quê”? Mal sabia que três décadas depois muitas outras obras suas ainda seriam preservadas oficialmente... Mas seria outro momento; a seleção seria ampla e as justificativas mais explicitadas. Um longo caminho separa o tombamento da primeira obra moderna de Artigas pelo Condephaat e o conjunto de sua obra selecionado no início do século XXI.

2.2 A continuidade das seleções de patrimônio da arquitetura moderna

O tombamento do jovem prédio da FAUUSP deu-se cerca de quarenta anos depois do tombamento do prédio do MES do Rio de Janeiro, e diz respeito a uma arquitetura moderna já consolidada e com expressões regionais próprias. Esse tombamento é o de exemplar representativo da chamada Escola



Paulista. Como se sabe, a arquitetura moderna acabou seguindo caminhos diferentes em São Paulo e Rio de Janeiro. O tombamento referendou uma arquitetura que, a partir das aulas de Artigas, havia se consolidado e influenciado vários de seus discípulos.

Neste quadro de referências sobre os tombamentos na primeira década do Condephaat, é também muito importante compreender que a concepção do que era patrimônio, reafirmada pelo Iphan desde os anos 1930, já vinha se alterando em São Paulo, como aludido anteriormente. O que tinha urgência de ser preservado e o que era demandado ao órgão era o tombamento dos monumentos da riqueza material paulista em sua fase mais recente – prédios de arquitetura eclética. Produção que não era valorizada nem pelos dogmas do Iphan, nem entre os arquitetos que, como se viu, estavam ainda há poucas décadas afirmando sua própria doutrina relativa à arquitetura moderna, em oposição a e desqualificando essa mesma produção eclética, vista como equivocada e ignorante. Uma das referências críticas e historiográficas então era o texto de Yves Bruand (BRUAND, 1981).

O Condephaat, tendo que despojar-se do rigor desses juízos, muito recentemente defendera fortemente e tombara, sob o impacto de novos conceitos que traziam a preservação para o campo mais amplo da representação cultural, o Colégio Caetano de Campos, na Praça da República, centro da Capital. O prédio, fundamental para a história da educação paulista, fora feito sob a lavra de Ramos Azevedo, expoente da arquitetura, da história do ensino profissional de engenharia e da construção em São Paulo. Sua arquitetura era a da tradição acadêmica europeia, tradição que vinha sendo combatida pelos introdutores da arquitetura moderna no Brasil desde Lucio Costa (LEMOS, 1972; VARINE-BOHAN, s.d.; WOLFF, 2010).

Na esteira desse tombamento, a ação de preservação da arquitetura eclética de tradição acadêmica, muito associada ao período de grande riqueza do Estado de São Paulo durante a Primeira República, foi muito extensiva no Condephaat. A demanda pública naquele momento era pela preservação desses prédios que tinham abrigado a vida e a cultura de gerações: escolas, fóruns, teatros. Espaços caros à população, mas que não representavam a “boa arquitetura”, já que não tinham sido concebidos segundo os cânones que o embate da arquitetura moderna vinha afirmando – a verdade dos materiais, estruturas racionais, plantas livres, a ausência de ornamentos...

Paralelamente, a valorização da arquitetura moderna no campo da preservação prosseguiu episodicamente no Condephaat, até uma ação mais frequente e conceitualmente mais estruturada, que vem se esboçando nos últimos tempos, como veremos a seguir.

Durante a presidência de Ruy Ohtake, foram tombados mais dois prédios ligados à identidade moderna paulista. Ainda sob o impacto da morte recente de seu autor, a própria casa de Flávio de Carvalho em Valinhos. E também, a sede do Museu de Arte de São Paulo (MASP) de Lina Bo Bardi.

Flávio de Carvalho e Lina Bo Bardi: dois personagens marcantes da cena de modernização do cenário paulistano. Flávio, com suas poucas expressões na arquitetura, fez uma casa de fachada e acesso monumentais em Valinhos, mas principalmente sacudiu a cena com algumas experiências vanguardistas. E o tombamento, além de valorizar a concepção original da residência, simbolizava o reconhecimento dessa ação mais ampla.

Já a arquiteta Lina Bo Bardi também teve pequena produção edificada, mas foi extremamente influente. Com seu marido, Pietro Bardi, e participação de Assis Chateaubriand, elevou o patamar de contato paulistano com o mundo das artes e da produção cultural contemporânea, no pós 2ª Guerra. O casal italiano influenciou a cultura paulistana e também a baiana, em período em que a arquiteta deslocou-se para Salvador. De todo modo, o epicentro de sua ação foi o Museu de Arte de São Paulo, que ganhou sua sede definitiva com o projeto, hoje marca da identidade de São Paulo no meio da extensa Avenida Paulista.

Os estudos que geram tombamentos no Condephaat, como já se referiu, prioritariamente são iniciados a partir de solicitações da comunidade. E suas efetivações indicam bastante as inclinações dos gestores de cada momento. Do presidente Ruy Ohtake, com sua marca forte em muitos



tombamentos, se destaca o reconhecimento desses três ícones da arquitetura moderna. Seguiu-se Aziz Ab'Saber, geógrafo humanista que enfatizou a preservação de áreas verdes e naturais, mas que entre 1983 e 1984 ouviu os clamores da comunidade pela preservação de dois prédios ameaçados: a sede do Teatro Oficina no bairro paulistano do Bixiga, expoente de um certo teatro de vanguarda nos anos 1960; e a casa inaugural da percepção da arquitetura moderna em São Paulo, a Casa Modernista da Rua Santa Cruz em São Paulo, de Gregori Warchavchik (Figura 2), propositor e divulgador da arquitetura moderna com sua matriz internacional já na década de 1920.

Figura 2 – Casa Modernista da Rua Santa Cruz



Fonte: Arquivo Família Warchavchik, s/d, via Folha de S. Paulo.

No primeiro caso, do Teatro Oficina, um tombamento de difícil efetivação de um prédio muitas vezes reformado, não claramente configurado como preservação de arquitetura. Já a Casa Modernista, em processo de venda e demolição, foi salva pelo clamor do público que exigiu o tombamento. E foi sua importância para a história da arquitetura que embasou a justificativa de sua preservação.

Seu pioneirismo e o inusitado de sua concepção original também foram a base para o tombamento da Casa de Vidro, residência de Lina Bardi no bairro paulistano do Morumbi, poucos anos depois. As outras casas vanguardistas de Warchavchik, da Rua Itápolis e da Rua Bahia, ambas na Capital, só foram tombadas pelo Condephaat em 1994, em decorrência de seu tombamento pelo Iphan.

Antes disso, no começo dos anos 1990, outros ícones de muito relevo na história da arquitetura moderna brasileira tiveram seu reconhecimento: o Edifício Esther (Figura 3), primeiro arranha-céu modernista da Capital, construído nos anos 1930 na Praça da República; e o Parque do Ibirapuera, grande empreendimento de 1954, para muitos o verdadeiro ponto de inflexão para a absorção da arquitetura moderna e seus pressupostos na realidade paulistana.

Figura 3 – Edifício Esther



Fonte: XAVIER, s/d.

Se Pampulha e suas edificações, em torno do lago em Belo Horizonte, já haviam projetado um novo e impactante cenário, se a Exposição *Brazil Builds*, realizada em Nova Iorque nos anos 1940, já tinha seus ecos locais e internacionais entre os arquitetos e artistas, é mesmo a partir do Ibirapuera e da Bienal de 1954 que toma real impulso e aceitação pública a arquitetura que seria concretizada em



Brasília. Mas, nos tombamentos pelo Condephaat, a arquitetura moderna e suas edificações continuavam tendo seu reconhecimento esporádico e eventual.

Ainda na década de 1980 ocorrera o tombamento da Igreja de São Domingos (Figura 4), audaciosa obra de Franz Heep, no bairro também paulistano de Perdizes, ato provocado pela comunidade do entorno, temerosa de alterações potenciais pela desativação do convento de São Domingos, em vias de transformar-se em escola.

Figura 4 – Igreja de São Domingos



Fonte: Acervo Condephaat, s/d.

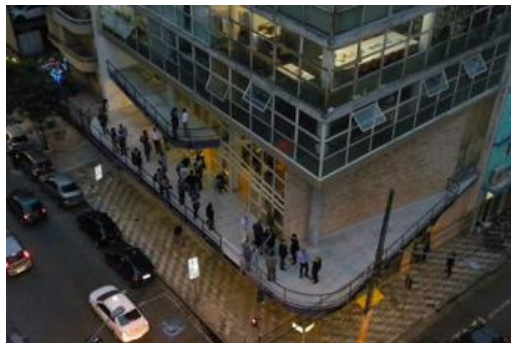
O tombamento do conjunto, que incluía igreja moderna e convento antigo, embora valorizasse a obra do arquiteto Heep, não se estendia muito sobre esse aspecto, ou sobre a mais efetiva contribuição do arquiteto na paisagem paulistana – o Edifício Itália. Obra máxima do arquiteto e por décadas o mais alto prédio da Capital, permanece não reconhecido por um tombamento no órgão, assim como o Edifício Copan, de Niemeyer.

Por outro lado, necessário lembrar mais uma vez que muitos tombamentos ocorrem fruto de solicitações da comunidade, mormente quando sente alguma edificação que lhe é cara ameaçada. Nem o Copan nem o Edifício Itália carecem de valorização ou preservação oficial. São ícones reconhecidos por todos, massas edificadas que não há como, nem por que, substituir.

2.3 Tombamentos no século XXI: modernos e modernos

Apenas em 2002 seria tombado outro prédio importante para a história da arquitetura moderna paulista, a sede do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), na Capital (Figura 5), obra coletiva de vários arquitetos, de grande qualidade e importância no cenário da produção paulistana. Em 2005, foi tombado o Conjunto Nacional, exemplar de superlativa proposição de arquitetura moderna em sua integração urbana, referência não apenas no panorama da cidade de São Paulo.

Figura 5 – Sede do IAB



Fonte: Silvio Oksman, 2015.



Se para os grandes edifícios citados há pouco risco em face ao seu pleno uso e grande apreço pela população, não era o caso das vertentes arquitetônicas menos valorizadas pela crítica. Edificações como o Edifício Saldanha Marinho, o Estádio do Pacaembu, o Instituto Biológico, o Edifício São Paulo e o Edifício Diederichsen, em Ribeirão Preto. Arranha-céus importantes para a paisagem paulistana e do interior do estado, desenvolvidos antes ou concomitantemente à trajetória da arquitetura moderna consagrada, mas que não eram objeto de muita atenção ou estudos – mesmo sendo relevantes peças na constituição de um quadro da modernização da engenharia e das linguagens que substituíram a arquitetura de tradição acadêmica clássica.

Todos esses prédios foram tombados entre 1985 e 2005, às vezes por mero reconhecimento, mas outras ameaçados pela incúria e desvalorização pelo próprio Poder Público, que deveria zelar por eles. Foi o caso do Estádio do Pacaembu, representante da modernização monumental da linguagem clássica em voga nos panoramas internacionais dos anos 1930, do Instituto Biológico e do Banco São Paulo, majestosos exemplares art déco.

Esse tipo de manifestação arquitetônica, desvinculada dos caminhos do estilo internacional da arquitetura moderna, já foi chamado a “outra face do moderno” (CAMPOS, 1996). E teve seu reconhecimento ainda mais tardio em outras importantes edificações paulistas, mais recentemente: o Jockey Club, a Biblioteca Mário de Andrade, o Edifício Altino Arantes – a contrafação paulistana do *Empire State Building* de Nova Iorque –, a sede do grupo Matarazzo e o Viaduto do Chá, todos na Capital. Esses tombamentos, embora frutos de indicações ainda nos anos 1990, foram sendo efetivados principalmente na última década, quando começou a haver mais conhecimento crítico a respeito de sua arquitetura.

2.4 O tombamento da arquitetura moderna em séries

O conhecimento mais aprofundado sobre a arquitetura moderna em suas diferentes perspectivas deveu-se sem dúvida ao aprimoramento dos quadros técnicos do órgão, que buscaram cursos de pós-graduação, a participação em congressos temáticos como os promovidos pelo DOCOMOMO (WOLFF, 1999) e a publicação de pesquisas (WOLFF, 2010).

Do mesmo modo, paralelamente a arquitetura moderna, em sua corrente dominante e reconhecida pela história, passou a figurar na preservação pelo Condephaat de modo mais problematizado, não mais a partir da proteção de algumas edificações isoladas eventualmente com sua integridade ameaçada. A busca de contextualização das edificações estudadas e seu balizamento em formação de séries comparativas passaram a ser uma meta no início do século XXI.

A possibilidade tornou-se mais factível desde a reorganização da Secretaria da Cultura do Estado em 2006, por meio do Decreto Estadual 50.941/2006, que criou a Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico (UPPH), departamento permanente de execução das atividades necessárias à atuação do Condephaat. Foram estabelecidos dois grupos técnicos na UPPH: o Grupo de Conservação e Restauro de Bens Tombados (sucesso do antigo Setor Técnico de Conservação e Restauro-STCR) e o Grupo de Estudos de Inventário e Reconhecimento do Patrimônio Cultural e Natural (GEI).

Com isso, no GEI foi se estruturando uma equipe, formada por historiadores, arquitetos e estagiários da área, com objetivo de, especialmente, instruir as centenas de processos de tombamento de bens em tramitação e a elaboração de conceitos e critérios de valoração e seleção de patrimônio – ações que eram dificultadas até então, por um lado, pela ausência de uma divisão clara nas tarefas e nas atribuições técnicas, e por outro, pela grande demanda de pedidos de intervenção em bens já protegidos, que eram tornadas prioridades ao atendimento público.

As solicitações da comunidade às vezes apresentavam-se muito qualificadas. Este foi o caso dos pedidos de tombamento de ampla série de obras projetadas pelo arquiteto Rino Levi ou por Vilanova Artigas, encaminhados por professores de faculdades de arquitetura (ANELLI, 2001; SEGAWA, 2002).



O dimensionamento de que seleção seria representativa de obras tão importantes, bem como de que exemplares seriam suficientes para representar tão fundamental contribuição à arquitetura paulista, custou muito esforço técnico, muita cobrança por parte da comunidade envolvida e muito embate nas reuniões do colegiado do Condephaat.

A seleção de obras tombadas, dentre a extensa produção de ambos os autores e considerando as obras dos respectivos arquitetos que já haviam sido tombadas pelo órgão, resultou ao final sintética e reduzida, buscando apenas um exemplar de cada fase da produção de ambos ou tipologia funcional e mais reconhecidos pela crítica arquitetônica (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1 – Bens selecionados no estudo temático da obra de Rino Levi

Bem tombado	Município
Paço Municipal	Santo André
Residência Olívio Gomes e Sede da Fazenda Sant'Ana	São José dos Campos
Cine Ipiranga e Hotel Excelsior	São Paulo
Garagem América	São Paulo
Residência Castor Delgado Perez	São Paulo
Banco Sulamericano	São Paulo
*Edifício Prudência e Capitalização	São Paulo

Fonte: CONDEPHAAT, 2016, elaboração do autor.

Tabela 2 – Bens selecionados no estudo temático da obra de Vilanova Artigas

Bem tombado	Município
Escola Estadual Conceiçãozinha	Guarujá
Ginásio de Guarulhos	Guarulhos
Rodoviária	Jaú
Residência Rio Branco Paranhos	São Paulo
Residências Vilanova Artigas I e II	São Paulo
* Balneário de Jaú	Jaú
* Fórum de Promissão	Promissão
* Garagem de Barcos do Iate Clube Santa Paula	São Paulo
*Residência Taques Bittencourt II	São Paulo

Fonte: CONDEPHAAT, 2016, elaboração do autor.

Por outro lado, do esforço de síntese e representação esboçado nos tombamentos desses dois conjuntos resultaram critérios norteadores de outros tombamentos de arquitetura moderna. Como o do Edifício Sobre as Ondas e Casa da Pedra no Guarujá (Figura 6), um arranha céu e uma casa, arrojada obra de integração/dominação da natureza do litoral. Edificações modernas que criaram uma paisagem praiana em que se explorou e tirou partido da existência de grandes pedras, que fazem parte da composição e interpenetram jardins e construções. Construções que, diga-se, hoje não seriam aprovadas, seriam banidas pelo senso que hoje rege a preservação do meio ambiente.

*Bens tombados pelo Colegiado do Condephaat, porém sem Resolução de Tombamento publicada até o momento.



Figura 6 – Edifício Sobre as Ondas e Casa da Pedra no Guarujá



Fonte: Kiko Correia, 2008, via Wikimedia.

Foi também tombada pequena edificação cuja motivação original do pedido de preservação tem a ver com a história da televisão brasileira, o edifício da TV Tupi (Figura 7), em São Paulo. Diante da descaracterização do prédio do primeiro estúdio, que melhor representaria a saga pioneira da emissora de televisão, optou-se pelo tombamento de uma das edificações do conjunto, prédio íntegro e característico da arquitetura moderna da década de 1950, no qual se destacam a integração de painéis artísticos na fachada e o tratamento compositivo do volume, que compensa a verticalidade da pequena torre com linhas horizontais e recortes nos planos.

Figura 7 – Edifício da TV Tupi



Fonte: Sílvia Wolff, 2008.

2.5 Panorama atual

O mais recente tombamento de obra de arquitetura moderna, em fase de conclusão, trata-se do Balneário de Águas de Lindóia, obra projetada no final da década de 1950 para o governo do Estado de São Paulo por Oswaldo Bratke, reconhecido expoente da arquitetura paulista (SEGAWA e DOURADO, 1997). Trata-se de obra intacta e superlativa por suas qualidades estéticas, construtivas e por sua implantação na paisagem. O reconhecimento pelo tombamento, porém, em conjunto com o do prédio do Hotel Glória, com o qual mantém relações de origem, de paisagem e de contemporaneidade, abre novas perspectivas para o tombamento de arquitetura moderna.

Isso se dá pelo fato de o hotel ser edificação de estilo normando, de “estilo”, fruto de reforma cosmética feita em data muito próxima à do projeto de Bratke para o vizinho Balneário (Figura 8). O que serve para contextualizar em que panorama inseria-se a arquitetura moderna “de autor”. A arquitetura moderna “canônica”, a despeito das intenções ambiciosas de difusão de qualidade espacial e estética para todos, foi produção sofisticada e erudita, cujo pano de fundo era a arquitetura comum, feita sem muita reflexão ou teoria, por e para muitos. E é desse lugar que repercutia para os especialistas e, devagar, ia sendo assimilada pelo público.



Figura 8 – Balneário de Águas de Lindoia em contraponto ao Hotel Glória, ao fundo



Fonte: Sílvia Wolff, 2015.

3 CONCLUSÕES

Esse breve percurso sobre os tombamentos de bens associados ao Movimento Moderno realizados pelo Condephaat em São Paulo, sintetizados na Tabela 3, é rico em possibilidades de análise e permite vislumbrar outras possíveis chaves de interpretação.

Tabela 3 – Bens tombados pelo Condephaat associados ao Movimento Moderno

Resolução de Tombamento	Bem tombado⁴	Classificação	Aspecto central no tombamento
1981	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP	Arquitetura moderna paulista	Arquitetura e autoria (V. Artigas)
1982	Casa de Flávio de Carvalho (Valinhos)	Arquitetura moderna	Autoria (F. de Carvalho)
1982	Edifício do MASP	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (L. Bo Bardi)
1983	Teatro Oficina	Híbrido (com Arquitetura Contemporânea)	Valorização do teatro
1984	Casa Modernista da Rua Santa Cruz	Vanguarda modernista	Arquitetura e autoria (G. Warchavchik)
1985	Edifício Saldanha Marinho	Linguagens modernizantes	Expressão art-decô
1987	Casa de Vidro	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (L. Bo Bardi)
1988	Igreja São Domingos	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (F. Heep)
1990	Edifício Esther	Vanguarda modernista	Arquitetura e autoria (A. Vital Brasil)
1992	Parque do Ibirapuera	Projeto modernista	Arquitetura moderna em grande escala e momento
1992	Sociedade Harmonia de Tênis	Arquitetura moderna paulista	Arquitetura e autoria (F. Penteadó)
1994	Casas Modernistas	Vanguarda modernista	Arquitetura e autoria (G. Warchavchik)
1998	Estádio do Pacaembu	Linguagens modernizantes	Função, arquitetura e implantação urbanística
2002	Sede do Instituto de Arquitetos do Brasil	Arquitetura moderna	Arquitetura e significado para a classe profissional
2002	Instituto Biológico	Linguagens modernizantes	Uso e expressão art-decô
2003	Edifício do antigo Banco de São Paulo	Linguagens modernizantes	Art-decô

⁴ Exceto quando indicado em parênteses, todos os bens se situam na Capital.



2005	Conjunto Nacional	Arquitetura moderna	Arquitetura, verticalização, modelo urbanístico, uso misto
2005	Edifício Diederichsen (Ribeirão Preto)	Linguagens modernizantes	Arquitetura, verticalização, modelo urbanístico, uso misto
2005	Residência Irmãos Gomes	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (R. Levi)
2010	Instituto <i>Sedes Sapientiae</i> da PUC-SP	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (R. Levi)
2012	Jockey Club	Linguagens modernizantes	Arquitetura e função
2013	Residência Castor Delgado Perez	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (R. Levi)
2013	Paco Municipal (Santo André)	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (R. Levi)
2013	Edifício Sobre as Ondas e Casa de Pedra	Arquitetura moderna	Arquitetura e relação com natureza
2013	Banco Sulamericano	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (R. Levi)
2013	Biblioteca Mário de Andrade e Praça D. José Gaspar	Linguagens modernizantes	Arquitetura e função
2013	Residência de Olívio Gomes e parque da Sede da Fazenda Sant'Ana	Arquitetura moderna	Arquitetura, autoria (R. Levi), implantação e relação com natureza
2014	Cine Ipiranga e Hotel Excelsior	Arquitetura moderna	Arquitetura, técnica e autoria (R. Levi)
2014	Ginásio de Guarulhos	Arquitetura moderna paulista	Arquitetura e autoria (V. Artigas)
2014	Antiga sede da TV Tupi	Arquitetura moderna	Função social histórica; arquitetura com integração das artes
2014	Edifício Altino Arantes	Linguagens modernizantes	Arquitetura e função
2014	Residências Vilanova Artigas I e II	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (V. Artigas)
2014	Residência Rio Branco Paranhos	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (V. Artigas)
2015	Viaduto do Chá e Edifício Matarazzo	Linguagens modernizantes	Arquitetura e função
2015	Rodoviária de Jaú	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (V. Artigas)
2016	Garagem América	Arquitetura moderna	Arquitetura e autoria (R. Levi)

Fonte: CONDEPHAAT, 2016, elaboração do autor.

Esse panorama pode ser confrontado às séries e seleções de moderno em outros estados, como apontado no início deste artigo. Mas, principalmente, serve para refletir-se sobre a potência sempre muito rica que a preservação de arquitetura, em geral, permite.

Em meio a crescente questionamento, no campo específico da preservação do patrimônio cultural, sobre o protagonismo histórico de arquitetos neste campo de atuação no Brasil, há o que se pensar.

É certo que a seleção de bens por sua qualidade arquitetônica pode parecer excludente, se feita em detrimento da valorização de práticas sociais de modo mais amplo. Mas é certo também que a interpretação destas escolhas não precisará, tampouco, ser limitada.

O exame desta seleção de arquitetura moderna de reconhecida qualidade, já com o afastamento



temporal, permite não apenas novas leituras, mas também orienta escolhas mais balisadas, amplas e que olham para em que lugar, sítio e cidade se insere a “boa arquitetura”.

REFERÊNCIAS

- ANELLI, R.; GUERRA, A.; KON, N. **Rino Levi: arquitetura e cidade**. São Paulo: Romano Guerra, 2001.
- ARCHDAILY. **FAU-USP promove evento de comemoração ao centenário de Artigas**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/774917/fau-usp-promove-evento-de-comemoracao-ao-centenario-de-artigas>>. Acessado em: 29 mar. 2016.
- BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CAMPOS, V. **O Art-déco na arquitetura paulistana: uma outra face do moderno**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). São Paulo: FAU-USP, 1996.
- FOLHA DE S. PAULO. **Gregori Warchavchik**. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/23225-gregori-warchavchik>>. Acessado em: 29 mar. 2016.
- LEMONS, C. Informação NP 58/72-CTET, 1972. In: SÃO PAULO (Estado), SECRETARIA DA CULTURA, ESPORTES E TURISMO. **Processo CONDEPHAAT n. 11975/1969: Tombamento do Fórum de Avaré**. São Paulo: CONDEPHAAT: SEC, 1969.
- RODRIGUES, M. **Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paulo 1969-1987**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Acervo de imagens do Condephaat**. Disponível em: <<http://www.cultura.sp.gov.br>>. Acessado em: 28 mar. 2016.
- SEGAWA, H. Vilanova Artigas, o renascer de um mestre. **Resenhas Online**, São Paulo, ano 01, n. 001.21, Vitruvius, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/01.001/3258>>. Acessado em: 26 mar. 2016.
- SEGAWA, H.; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke**. São Paulo: Pro Editores, 1997.
- VARINE-BOHAN, H. **A experiência internacional**. Notas de aula 12-8-1974. São Paulo: FAUUSP/Iphan, s.d. e
- WIKIMEDIA. **Guaruja SP Asturias Sobre As Ondas**. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Guaruja.SP.Asturias.SobreAsOndas.Warchavick.jpg>>. Acessado em: 29 mar. 2016.
- WIKIPEDIA. **Altino Arantes Building**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Altino_Arantes_Building>. Acessado em: 29 mar. 2016.
- WOLFF, S. O moderno como opção estilística. In: 3º SEMINÁRIO NACIONAL DO DOCOMOMO BRASIL, 1999. **Anais eletrônicos...** São Paulo: DOCOMOMO_BR, 1999. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%203%20pdfs/subtema_A2F/Silvia_wolff.pdf>. Acessado em: 29 mar. 2016.
- WOLFF, S. **São Paulo: Escolas para a República**. São Paulo: Edusp, 2010.
- XAVIER, A. **Edifício Esther, em São Paulo, de Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho**. Disponível em: <<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/236/edificio-esther-301056-1.aspx>>. Acessado em: 29 mar. 2016.